



Suporte psicossocial oferecido por oficinas online em um Centro de Atenção Psicossocial durante a COVID-19

Monize Villega Rios¹; Gabrielly dos Santos Mazini²; Tiago Humberto Rodrigues Rocha³

Resumo: Com a pandemia da Covid-19, serviços oferecidos pelos CAPS tiveram de ser suspensos/adaptados ao modo remoto, incluindo as oficinas terapêuticas. Então, o presente relato tem como objetivo apresentar a experiência de estágio de discentes em oficinas online de um Centro de Atenção Psicossocial e identificar se estas desempenharam papel de suporte psicossocial para seus usuários. O relato apresenta caráter qualitativo-descritivo e foram realizados encontros supervisionados em 2021, que contaram com a participação de discentes do curso de Psicologia de uma Universidade e psicólogas de um CAPS do interior de Minas Gerais. Como resultados, foram estabelecidos dois eixos temáticos: (1) impasses relacionados ao acesso às oficinas e (2) suporte psicossocial. Conclui-se que, em razão da pandemia, houve um aumento da demanda pelos serviços e agravamento dos sintomas dos usuários do CAPS. Evidencia-se a relevância das oficinas remotas, que enfrentaram alguns empecilhos, mas a instituição cumpriu com o papel de suporte psicossocial dos usuários.

Palavras-chave: Suporte psicossocial. Oficinas online. CAPS. Covid-19. Psicologia.

Psychosocial support offered through online workshops at a Psychosocial Care Center during COVID-19

Abstract: With the Covid-19 pandemic, services offered by CAPS had to be suspended/adapted to remote mode, including therapeutic workshops. Therefore, this report aims to present the internship experience of students in online workshops at a Psychosocial Care Center and identify whether they played a role in psychosocial support for their users. The report has a qualitative-descriptive character and supervised meetings were held in 2021, which included the participation of students from the Psychology course at a University and psychologists from a CAPS in the interior of Minas Gerais. As results, two thematic axes were established: (1) impasses related to access to workshops and (2) psychosocial support. It is concluded that, due to the pandemic, there was an increase in demand for services and worsening of symptoms among CAPS users. The relevance of remote workshops is evident, which faced some obstacles, but the institution fulfilled its role of psychosocial support for users.

Keywords: Psychosocial support. Online workshops. CAPS. Covid-19. Psychology.

¹ Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG. E-mail: riosmonize@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8620-3789>;

² Graduada em Psicologia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG. E-mail: gabrielly-mazini@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7724-0817>;

³ Psicólogo, Psicanalista, Doutor com dupla titulação em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, SP - Brasil, e pela Université de Rennes 2, Rennes - França. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG. E-mail: tiago.rocha@uftm.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4178-0616>.

Introdução

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) surgem dentro do movimento da Reforma Psiquiátrica que se iniciou no Brasil por volta da década de 1970. Nesse contexto, o CAPS tornou-se um dos eixos principais para transformar essa lógica manicomial que imperava no Brasil até então (MENEZES; PEGORARO, 2019). Entretanto, a consolidação desse novo modelo de cuidado em saúde mental só ocorreu de fato no ano de 2001 com a promulgação da Lei Paulo Delgado nº 10.216/2001, que garante direitos às pessoas com transtornos mentais a tratamentos menos invasivos, propondo a gradual substituição dos hospitais psiquiátricos por outros tipos de assistência que sejam menos institucionalizantes. Assim, a principal função dos Centros de Atenção Psicossocial é dar suporte aos usuários com transtornos mentais a fim de estimular sua integração social e familiar, buscando oferecer-lhes autonomia e integrá-los à vida cotidiana e comunitária (BRASIL, 2004).

No entanto, apesar dessa proposta inovadora de reinseri-los na comunidade com apoio e autonomia, é inegável que ainda possam existir traços compatíveis com a lógica manicomial dentro destas instituições. De acordo com Macedo et al. (2018), as tecnologias advindas do modelo clínico tradicional ainda exercem significativa influência nas ações de alguns profissionais. Ainda nessa lógica, como pontuado por Vicente (2018), há, no campo da saúde mental, uma demanda notadamente clínica que se sobrepõe à terapêutica e ignora o sujeito e uma demanda predominantemente política, que traz o constante risco de retorno à lógica manicomial. Dessa forma, o autor aponta que a atuação clínica não deve estar dissociada da atuação política.

Nesse sentido, é de extrema importância que a atuação dos profissionais do CAPS esteja atenta e combata a lógica manicomial ainda existente. Nessa tentativa, as principais ferramentas utilizadas para o tratamento nessas instituições são os atendimentos individualizados, montados através de um plano terapêutico individualizado, que é desenvolvido por uma equipe multidisciplinar, além de atendimentos grupais, oficinas terapêuticas e rodas de conversa. Tais atividades são de suma importância pois possibilitam que os sujeitos estabeleçam outros laços sociais, a partir de distintas formas de inserção no meio comunitário.

As oficinas terapêuticas, por sua vez, são ferramentas que estimulam e trabalham o pensar e o agir individual e coletivo, através da troca de experiências e da formação de vínculos, sendo essenciais para a desinstitucionalização dos usuários do serviço do CAPS. Também, é

possível realizar intervenções de saúde nas oficinas, acompanhar a evolução dos casos clínicos e propiciar um momento em que os usuários têm relação uns com os outros, o que colabora para a inclusão, respeito às diversidades e resgate da cidadania. Ademais, a participação da família nesse processo também é importante pois, ao estar informada sobre essas oficinas, pode colaborar com o cuidado da saúde dos usuários, promovendo uma maior integração social e familiar com os mesmos (NORONHA et al., 2016; MARTINHAGO; OLIVEIRA, 2012).

Além disso, segundo Salles e Barros (2011), a família também exerce papel fundamental na rede social do usuário visto que pode evitar o isolamento e a solidão que ocorrem em decorrência da escassez de relacionamentos nessa parcela da população. Para os autores, essa forma de se relacionar com o familiar está atrelada aos pensamentos que foram constituídos ao longo da história em consonância com a lógica manicomial. Assim, família é a principal - ou única - referência da rede de relações sociais próximas. Nesse sentido, de acordo com Botelho e Lima (2015), é importante que, nessas instituições, se crie um ambiente de equidade entre os profissionais, usuários e familiares para que o trabalho realizado vise a reintegração social dos indivíduos. Para além disso, o desafio nas práticas em saúde mental, a nosso ver, é uma prática de um cuidado desafiador, que se interessa pelas dimensões subjetivas, políticas e sociais do sujeito com sofrimento psíquico.

Portanto, é notório que o suporte psicossocial é um dos pressupostos de um CAPS, em que existe um movimento para a integração social, o desenvolvimento de laços e a preocupação em proporcionar aos usuários um apoio que os permita desenvolver sua autonomia e agir ativamente na comunidade. Este estudo valoriza esse suporte psicossocial proporcionado pelo CAPS, porém possui limitações, pois foram realizadas vivências apenas em um único CAPS. Contudo, estudos como esse são importantes, pois colaboram para a consolidação da Reforma Psiquiátrica (NORONHA et al., 2016), além de fornecer amparo para elaboração de práticas em contexto diversos que nos convocam a adaptar estratégias para enfrentar as adversidades que surgem, como foi o caso do isolamento social imposto pela pandemia do Covid-19. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é relatar uma experiência de estágio em oficinas online de um Centro de Atenção Psicossocial durante o período da pandemia do Covid-19, destacando aspectos importantes ali vivenciados.

Metodologia

O presente relato de experiência tem caráter qualitativo-descritivo e foi realizado a partir da vivência de duas graduandas de um curso de Psicologia de uma Universidade do interior de Minas Gerais. É importante ressaltar que o presente relato foi redigido a partir das impressões das estagiárias a partir do diário de campo das mesmas. A disciplina para a qual a vivência foi realizada abarca um estágio básico obrigatório da matriz curricular do Curso. No cenário da pandemia, graças às medidas restritivas como, por exemplo, a quarentena, o isolamento e a contenção social que visavam impedir a propagação da Covid-19 (GARRIDO; GARRIDO, 2020), as oficinas grupais, que eram oferecidas presencialmente pelo CAPS, tornaram-se inviáveis.

Nesse mesmo contexto, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) divulgou uma cartilha com recomendações para as práticas e estágios remotos dos acadêmicos de psicologia que, amparada pela portaria nº 544 de 2020 do MEC, autoriza, em caráter excepcional, a substituição de disciplinas, estágios e práticas presenciais por atividades em que o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) seja possível (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020). Além disso, através da resolução 4/2020, também houve a regulamentação dos serviços psicológicos prestados por intermédio das TICs durante o período pandêmico desde que o psicólogo fizesse seu cadastro na plataforma e-psi do CFP. Desse modo, a vivência da disciplina em questão foi adaptada ao modelo remoto e os alunos participaram de oficinas terapêuticas online em um Centro de Atenção Psicossocial de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Assim, houve um planejamento por parte do corpo técnico da instituição, para que as oficinas do CAPS pudessem ser oferecidas de forma online. Para isso, foram organizados os dias e horários para a realização de cada oficina, que aconteceriam de modo remoto, através da plataforma *Google Meet* e, dessa forma, os usuários foram convidados a participar sempre que quisessem e pudessem. As discentes participaram da “Oficina de Notícias” que teve um total de dez encontros supervisionados por duas profissionais da Psicologia que trabalham na instituição. Essa oficina tinha como objetivo a escolha prévia notícias com temáticas que poderiam ser trabalhadas com os usuários, a fim de realizar concomitantemente uma psicoeducação. Dessa maneira, no início do encontro a notícia era compartilhada com os usuários através de apresentação da tela ou relato falado. Posteriormente, era realizada uma

discussão sobre a notícia e a temática era abordada com os usuários, os quais, por fim, podiam compartilhar suas vivências e relacioná-las com a notícia.

Portanto, a pretensão inicial da realização da Oficina de Notícias foi divulgar informações aos usuários, com destaque para informações pertinentes ao autocuidado, sobretudo em relação ao contexto pandêmico. Tendo em vista um período histórico em que o fluxo de notícias falsas causa impactos consideráveis no dia a dia da população, as reflexões e discussões disparadas por notícias, inclusive as que se relacionam com crenças e valores, podem promover novas formas de sentir, agir e pensar (SANTANA; ARAGÃO; BERNARDO, 2021; AFONSO, 2006). Ademais, também foram divulgadas notícias sobre outras temáticas, algumas vezes trazidas pelos próprios usuários, bem como notícias sobre eles mesmos, a fim de compartilharem suas angústias e conquistas. Dessa maneira, a Oficina de Notícias teve como objetivo abordar notícias de jornais, televisão ou internet com os participantes e dialogar sobre seus conteúdos. Assim, algumas das temáticas abordadas foram: *fake news* e como identificar uma notícia falsa, sobre o Dia Internacional da Luta contra a Homofobia, sobre cura, esperança e fé, dentre outras.

Esses encontros aconteceram entre os meses de maio a julho de 2021, tiveram participação média de sete pessoas usuárias do serviço do CAPS e duração de aproximadamente uma hora cada. Além disso, foram realizadas supervisões com as psicólogas responsáveis após o término das oficinas, nas quais também eram escolhidas as temáticas dos próximos encontros. Essa vivência teve como objetivo propiciar o contato com o Centro de Atenção Psicossocial e acompanhamento de suas atividades. A partir dessa experiência, foi possível discutir através de referenciais teóricos o estabelecimento de um novo setting ocasionado pelo distanciamento social por conta do coronavírus. Contudo, cabe ressaltar a limitação do estudo por conta de ter sido uma experiência vivenciada em apenas uma instituição e somente uma das atividades de muitas outras realizadas semanalmente pelas profissionais no CAPS.

Resultados e discussões

Através das vivências realizadas, foi possível observar o trabalho que foi adaptado e efetuado nesses espaços de ressocialização em tempos pandêmicos, bem como as dificuldades de realização do mesmo e o suporte psicossocial que pode ou não ser oferecido nesse contexto. Com isso, para uma melhor descrição e organização do que contemplou nossas observações,

foram estabelecidos dois eixos temáticos, sendo eles: a) impasses relacionados ao acesso às oficinas e b) suporte psicossocial.

Impasses relacionados ao acesso às oficinas

Para acessar a plataforma do *Google Meet*, meio utilizado para a realização dos encontros, os usuários precisam ter acesso à internet e a um aparelho eletrônico para acessar o link enviado a eles através de um aplicativo de mensagens (*Whatsapp*). O maior impasse enfrentado é que nem todos os usuários possuíam acesso a esses dois requisitos prévios para participar das oficinas. De acordo com Rosa e Campos (2013), a maioria dos usuários do SUS, e conseqüentemente dos CAPS, possuem baixa renda, sendo que 46,6% dos usuários do SUS possuem renda per capita de até um salário-mínimo. Além disso, Campos, Ramalho e Zanello (2017), ao analisarem dados dos prontuários de um CAPS de uma capital brasileira, descobriram que 48,7% dos usuários eram analfabetos ou possuíam apenas o ensino fundamental completo.

Essa questão da baixa escolaridade também é corroborada pelos estudos de Moreira e Costa (2020), que constataram que 62,1% dos usuários do CAPS no qual fizeram a pesquisa eram não alfabetizados ou concluíram apenas o ensino fundamental, e pela pesquisa de Santana et al. (2020) que também observaram que 55,4% dos usuários do CAPS não tinham o ensino fundamental completo. Assim, apesar do uso das plataformas digitais ser um poderoso recurso para esse período de distanciamento social, há um grande impasse quanto ao acesso a esses recursos, tanto pela questão financeira, quanto pela baixa escolaridade o que, conseqüentemente, impossibilita a participação de diversos usuários.

Além disso, para acessar o link da chamada, muitos precisavam do auxílio de familiares, configurando mais um item para sobrecarga do familiar. De acordo com Melman (2008), o termo “sobrecarga familiar” foi desenvolvido para demarcar o quanto a família é afetada na convivência com o paciente psiquiátrico, já que eles demandam de cuidados específicos e, muitas vezes, não possuem condições de trabalhar e realizar certas atividades com autonomia, cabendo, assim, à família oferecer-lhes esse suporte, o que pode, conseqüentemente, sobrecarregar os membros familiares que precisam dispor de um tempo extra para atender a essas demandas.

Essa sobrecarga familiar tem relação com adaptações e alterações da rotina dos familiares, mudança do convívio social, de planos e de sonhos, já que passam a viver uma vida baseada no convívio com o usuário. Essa convivência pode estar relacionada a uma dependência do indivíduo em relação aos cuidados da família. Todavia, esse cuidado pode gerar uma apreensão no dia a dia, visto que se torna mais uma tarefa a ser cumprida dentro de outras responsabilidades cotidianas (ROCHA; SILVA, 2021).

Ademais, essa sobrecarga, por exemplo, é consequência de uma mudança de setting terapêutico ocasionado por conta do distanciamento social devido a Covid-19. Surge, então, um novo setting, que é o online, que teve que ser adotado por várias instituições para que as atividades pudessem continuar de alguma forma. Entretanto, aparecem novas questões como a do sigilo, que antes era garantido apenas pelo profissional, mas com o modelo remoto essa responsabilidade recai também sobre o usuário. Muitas vezes esses sujeitos não têm controle sobre o que acontece no ambiente em que residem, pois interferências de outros moradores, por exemplo, podem ocorrer (FERNANDES; SANTOS, 2021).

Também, alguns empecilhos de comunicação estavam presentes em momentos das oficinas, pois os usuários apresentavam dificuldades tecnológicas como desligar e ligar o microfone da plataforma. Isso, muitas vezes, impossibilitava a escuta da fala dos usuários por parte das estagiárias, já que muitos não desligavam o microfone enquanto o outro estava falando e o som do ambiente atrapalhava a chamada de vídeo. Entretanto, essa problemática tentava ser contornada pelas psicólogas da instituição, que possuíam o controle da plataforma e conseguiam desligar o microfone de determinado sujeito. Além disso, as estagiárias e as psicólogas não tiveram controle sobre entradas atrasadas e saídas abruptas de participantes, o que exigiu um manejo da parte de todos, para que o andamento da oficina não fosse prejudicado.

Diante desse novo cenário, cabe o questionamento sobre o que poderia ser feito para resolver as limitações da modalidade online. Em um cenário ideal, seria essencial desenvolver uma autonomia nos usuários para que pudessem fazer o uso das tecnologias da informação sem necessitar do auxílio dos familiares, assim poderíamos priorizar o sigilo sem a interferência de familiares ajustando as ferramentas, como, por exemplo, abrindo ou fechando o microfone para que o usuário pudesse se comunicar. Além disso, também diminuir a sobrecarga sobre esse familiar que precisava dispor de um tempo extra para dar o devido suporte para que o usuário participasse das oficinas através do *Google Meet*. Nesse sentido, seria de extrema importância

a preparação prévia dos usuários para utilizarem essas tecnologias de modo autônomo, contudo, a pandemia não nos permitiu ensaios ou preparações para lidar com esse novo contexto.

Um outro fator importante é que as estagiárias se sentiram angustiadas e retraídas com algumas falas dos usuários. Isso aconteceu, pois, como foi uma primeira experiência dentro de um CAPS, não sabiam quais eram exatamente os limites de suas atuações. De acordo com Santos e Nóbrega (2017), o estágio oferece ao estudante um contato inicial com as práticas da profissão que irá exercer, contribuindo para diminuir a distância entre a teoria e a atuação, assim, por se tratar de vivências novas, é comum que a insegurança surja.

Esses sentimentos por parte das estagiárias apareceram de maneira mais marcante nas primeiras oficinas, mas com o caminhar das supervisões, se abrandaram. Barreto e Barletta (2010) ressaltam essa importância da supervisão durante o estágio para que o aluno possa transitar entre os papéis de aprendiz e de profissional através do atendimento e da orientação adequada por meio da articulação entre teoria e prática, além de fornecer um suporte ético. Além disso, o período pandêmico também constituiu uma quebra de expectativas para vivenciar o primeiro estágio acadêmico, o que também corrobora para esses sentimentos angustiantes, apesar disso, Marques (2021) ressalta que conhecer o passo a passo da atividade que será realizada é um fator essencial para que o estudante possa conduzir o atendimento online com maior tranquilidade.

Ainda, as oficinas em formato remoto também constituíram uma primeira experiência para as psicólogas da instituição que precisaram se adequar a esse novo formato. Um dos maiores desafios foi a aquisição dos materiais necessários para realização das oficinas. O CAPS em que elas trabalham possuía um computador e internet, mas, a conexão era fraca e o sinal caía constantemente, desse modo, em alguns momentos, as estagiárias, que não estavam na instituição e, por isso, continuavam conectados através de seus pacotes particulares de internet, precisam conduzir as atividades enquanto as profissionais esperavam o sinal voltar. Silva e Silva (2021) afirmam que o período pandêmico realmente impôs inúmeras dificuldades para coordenar, ensinar e aprender, um dos principais motivos para isso é o alto custo para aquisição dos materiais necessários para adentrar os meios de comunicação digitais.

Assim, concluímos que houve muitos impasses para realização das oficinas online, impasses por parte dos usuários, dos familiares, das estagiárias e das profissionais. Afinal, foi uma experiência nova para todos. Todavia, apesar desses desafios e limitações, esse formato se mostrou viável, principalmente por conta da persistência de todos os membros para fazer com

que o grupo fluísse e funcionasse. Não foi uma tarefa fácil, mas todos se empenharam para que houvesse bons resultados e gerar o devido acolhimento aos usuários em sofrimento.

Suporte psicossocial

Como já mencionado anteriormente, os CAPS possuem o objetivo de oferecer suporte psicossocial, através de manejos que englobam: atendimentos individuais, as oficinas, construção de uma rede de apoio com a família e grupos de psicoterapia e convivência. Particularmente, a oficina oferecida teve por princípio norteador a intenção de se constituir como espaço de reflexão, acolhimento e debate, através da disseminação de informações, tal como preconizado por Santana, Aragão e Bernardo. (2021), podendo, portanto, serem consideradas como terapêuticas (LAPPANN-BOTTI; LABATE, 2004).

Em razão do distanciamento social, em decorrência da Covid-19, os usuários tiveram de se adaptar a mudanças drásticas em suas rotinas. Estas, por sua vez, limitaram o contato e a interação social com os pares e pessoas do ciclo de convivência, que segundo as psicólogas causaram um agravamento da condição psíquica de cada um, tendo em vista, por exemplo, que os relatos de ansiedade e automutilação aumentaram. Durante os encontros relacionadas à automutilação e aumento de sintomas depressivos foram presentes, o que ocasionou uma angústia por parte das estagiárias de Psicologia ao ouvi-los. Essa angústia se deu por conta de ser, para a maioria, o primeiro contato com relatos como estes e com o público do CAPS. Entretanto, o grupo, incluindo as psicólogas, não esboçaram reação negativa e reagiram de forma que houve acolhimento e abordagem empática das questões trazidas.

Nesse cenário, os encontros, ainda que de modo remoto, mostraram-se capazes de reduzir sentimentos de tristeza e estresse na rotina dos usuários do serviço, aspecto que potencialmente, gerou certa autonomia, contribuindo com a saúde psicológica do público em questão, característica percebida também nos trabalhos de Neto et al. (2021).

Com isso, foi possível perceber que as oficinas propiciaram um espaço de interação social, o que é de extrema importância tendo em vista o momento de isolamento. Exemplificando isso, durante os encontros muitas vezes os usuários ficaram interagindo um com o outro, lembrando de momentos vividos presencialmente no CAPS ou contando novidades sobre suas vidas. Outrossim, as oficinas realizaram um papel de continuação do tratamento, onde os usuários puderam expor seus sentimentos e angústias em um espaço sem

juízos, que tinha o objetivo de acolhimento. Foi percebido também que elas foram úteis para criar uma rotina, que tinha sido desfeita, à medida em que estabeleceu um compromisso ao usuário, ocupando o tempo que estava ocioso para muitos até então.

Ademais, as estagiárias perceberam que a família, que fez parte indireta e, em muitos momentos, diretamente das oficinas, incentivou a participação e comunicação dos sujeitos e se mostraram compreensíveis na maioria dos momentos. Foi possível perceber esse incentivo a partir da ajuda - inclusive tecnológica - que forneciam para o familiar participar do encontro e do aparecimento na chamada e conversa com as terapeutas durante os encontros. Entretanto, é possível que, para alguns deles, esse novo contexto das oficinas tenha sido um fator estressante visto que foi mais um cenário de demandas que, especialmente por se tratar de uma situação nunca vista antes.

Essa dificuldade se evidenciava principalmente por questões referentes às ferramentas tecnológicas e, durante alguns encontros, os familiares não conseguiam encontrar soluções para situações como, por exemplo, acessar o link da chamada ou ligar/desligar a câmera e microfone. Em relação, principalmente ao microfone, foi uma questão a ser manejada, visto que alguns usuários se encontravam em ambientes com mais pessoas e o barulho muitas vezes atrapalhava o encontro. Então, as psicólogas e estagiárias tiveram que atuar de forma que sinalizaram a situação para o usuário e propuseram soluções como a instrução de como desligar o microfone.

Ainda em tempo, cabe destacar que as estagiárias também tiveram que se adaptar ao novo modelo de *setting* proposto pelo estágio. Foi uma experiência que agregou bastante conhecimento teórico e prático na área da Saúde Mental em um modelo remoto. Apesar de ter sido algo inovador para todos, foi possível enfrentar as dificuldades que apareceram através do diálogo, paciência e atuação em conjunto, além da confiança das profissionais nas estagiárias que tinham autonomia para lidarem com os empecilhos da maneira que se sentiam mais confortáveis. Uma dificuldade enfrentada pelas estagiárias foi, também, a tecnologia, pois em determinado encontro, por exemplo, a internet das psicólogas do CAPS parou de funcionar e foi preciso que as estagiárias manejassem a situação para que o encontro continuasse, o que causou certa angústia em algumas estagiárias.

Desse modo, as experiências citadas dialogam com o exposto por Marasca et al. (2020) que afirmam que as atividades psicológicas no meio online contribuem para a ampliação da atuação do psicólogo, além de desempenharem um papel fundamental para a adaptação a esse novo contexto que surgiu durante a pandemia do COVID-19.

Considerações finais

Diante da pandemia, alguns serviços que compunham uma rede de apoio mais ampla em saúde mental da cidade foram fechados temporariamente ou encerrados, o que refletiu em uma maior demanda de casos no CAPS em questão, o tornando a principal referência tanto em baixa e média quanto em alta complexidade. Além desse aumento no número de casos, houve um agravamento de sintomas dos usuários que já frequentavam o CAPS. Assim, foi de extrema necessidade a continuação do trabalho da instituição que, por conta da questão sanitária, precisou remanejar as atividades para o modelo online. DE tal sorte, fez-se uma reestruturação das atividades com base nas resoluções do Conselho Federal de Psicologia para redefinir de que modo os serviços e as oficinas poderiam ser oferecidos para dar conta das novas demandas.

Paralelamente à extrema relevância da atuação dessa rede de apoio em um momento de crise, houve desafios a serem superados e empecilhos a serem solucionados como, por exemplo: a dificuldade de acesso dos usuários e falhas técnicas tanto deles, quanto das profissionais e dos estudantes. Assim, esse modelo exigiu que manejos diferentes fossem realizados, já que o meio online modificou o setting terapêutico presencial ao qual todos estavam acostumados, o que obrigou as profissionais e as estudantes a reorganizarem algumas técnicas para melhor lidarem com os novos fatores impostos pelo distanciamento social. Contudo, apesar dos impasses, foi perceptível o quanto as oficinas online desempenharam papel de suporte social para os sujeitos, principalmente por conta da rotina, a qual mudou drasticamente a partir das restrições sanitárias. Essas limitações interferiram na interação social, algo que o modelo remoto, apesar de suas especificações, proporcionou entre usuários, profissionais e estagiárias.

Ademais, apesar da angústia desse modelo e do primeiro contato com a área de saúde mental por parte de todas as estagiárias, a vivência contribuiu para que a parte teórica abordada na disciplina fosse experienciada na prática. Isso possibilitou a ligação entre teoria e prática e, conseqüentemente, melhor compreensão sobre o quanto é necessário estar apto para conseguir sempre recriar o trabalho em saúde mental.

Referências

AFONSO, Lúcia. (org). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf. Acesso em: 4 fev. 2023.

BRASIL. Lei 10.216, de 06 de abril de 2001. *Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm#:~:text=LEI%20No%2010.216%2C%20DE,modelo%20assistencial%20em%20sa%C3%BAde%20mental. Acesso em: 3 fev. 2023.

BARRETO, M. C.; BARLETTA, J. B. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. *Cadernos de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde*, v. 12, n.12, 2010.

BOTELHO, J. DAS V.; LIMA, M. V. Percepção das emoções dos usuários do CAPS II em um momento de integração – um relato de experiência. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 160-164, 2015.

CAMPOS, I. de O.; RAMALHO, W. M.; ZANELLO, V. Saúde mental e gênero: O perfil sociodemográfico de pacientes em um centro de atenção psicossocial. *Estudos de Psicologia*. (Natal), Natal, v. 22, n. 1, p. 68-77, 2017. DOI: 10.22491/1678-4669.20170008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 4 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia COVID-19: recomendações* [recurso eletrônico] / Conselho Federal de Psicologia e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. 1ª ed. Brasília: CFP, 2020. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Cadernodeorientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf. Acesso em 4 fev. 2023.

FERNANDES, N.; SANTOS, P. C. *Implicações da pandemia na prática clínica de psicoterapeutas de orientação psicanalítica*. Repositório Universitário da Ânima (RUNA), 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/18087>. Acesso em 4 fev. 2023.

GARRIDO, R. G.; GARRIDO, F. de S. R. G. Covid-19: um panorama com ênfase em medidas restritivas de contato interpessoal. *Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente, [S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 127-141, 2020. DOI: 10.17564/2316-3798.2020v8n2p127-141. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/saude/article/view/8640>. Acesso em: 4 fev. 2023.

LAPPANN-BOTT, N. C.; LABATE, R. C. Oficinas em saúde mental: a representação dos usuários dos serviços de saúde mental. *Texto & Contexto Enfermagem, [S. l.]*, v. 13, n. 4, p. 519-26, 2004. DOI: 10.1590/S0104-07072004000400003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/wpx5KS3dwhf5ZCWS6qxqDWs/?lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2023.

MACEDO, O. J. V. et al. Atuação dos profissionais de psicologia nos CRAS do interior da Paraíba. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 2, p. 1083-1097, 2018. DOI: 10.9788/TP2018.2-20Pt. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000200020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 4 fev. 2023.

MARASCA, A. R. et al. Avaliação psicológica online: considerações a partir da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) para a prática e o ensino no contexto a distância. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020. DOI: 10.1590/1982-0275202037e200085. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/7ZC9NVCfHVVJ7gqTss5P9dc/?lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2023.

MARQUES, J. S. O.; RIBEIRO, D. M. *Profissão psicólogo (a): a ansiedade do estudante na criação do vínculo terapêutico no atendimento online no contexto da Covid 19*. In: DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Org). *Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas*, Guarujá: Ed. Científica, 2021, Cap. 10, p. 165-176.

MELMAN, J. *Família e doença mental: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares*. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

MARTINHAGO, F.; OLIVEIRA, W. F. A prática profissional nos Centros de Atenção Psicossocial II (caps II), na perspectiva dos profissionais de saúde mental de Santa Catarina. *Saúde em Debate*, v. 36, n. 95, p. 583-594, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Bj63LCHtYZHjqd8fN7MyP6r/abstract/?lang=pt>. Acesso em 4 fev. 2023.

MENEZES, G.P.; PEGORARO, R. F. Panorama das Atividades Grupais Desenvolvidas em Centros de Atenção Psicossocial (2006–2016). *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, 2019. DOI: 10.1590/1982-3703003189050. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Bh7YvvF5zzZ4W7DvjmFwv9z/?lang=pt>. Acesso em 4 fev. 2023.

MOREIRA, L. C.; COSTA, T. S. M. A. *Perfil sociodemográfico dos pacientes usuários de substâncias psicoativas frequentadores de um Caps Ad III*. 2020. (Monografia)-Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, 2020.

NETO, M. C. da C. et al. Experienciar, trabalhar e conviver: o artesanato como recurso psicossocial de prevenção social e produção de saúde mental para os usuários do cras África na perspectiva pós pandemia. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 20472–20484, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-610. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25376>. Acesso em: 3 fev. 2023.

NORONHA, A. A. et al. Percepções de familiares de adolescentes sobre oficinas terapêuticas em um centro de atenção psicossocial infantil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 3 n. 4., 2016. DOI: 10.1590/1983-1447.2016.04.56061. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/FPSwyYG99WqZQ4vr39W5phS/?lang=pt>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ROCHA, T. H. R.; SILVA, M. R. Sobrecarga familiar e infantilização no cuidado de sujeitos com transtorno mental. *Analytica: Revista de Psicanálise*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/301>. Acesso em: 4 fev. 2023.

ROSA, L. C. D. S.; CAMPOS, R. T. O. Saúde mental e classe social: CAPS, um serviço de classe e interclasses. *Serviço Social & Sociedade*, n. 114, p. 311-331, 2013. DOI: 10.1590/S0101-66282013000200006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/7yPB8Tnkr5jxvbdjXbrbSb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 4 fev. 2023.

SALLES, M. M.; BARROS, S. *Relações do cotidiano: a pessoa com transtorno mental e sua rede de suporte social*. *Physis: Revista Brasileira de Saúde Coletiva*, v. 21, n. 2, p. 561-579, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/d3d0001e-6ead-4b6d-a61f-850d08000a35/BARROS%2C%20S%20doc%2024.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2023.

SANTANA, R. S.; ARAGÃO, L. I. S.; BERNARDO, K. J. C. INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL ONLINE COM IDOSOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 6, n. 16, p. 69–83, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.4699155. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/273>. Acesso em: 3 fev. 2023.

SANTANA, R. T. et al. Perfil dos usuários de CAPS-AD III/Profile of users of a psychosocial Care Center. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1343–1357, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n1-103. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/7228>. Acesso em 4 fev. 2023.

SANTOS, A. C.; NÓBREGA, D. O. Dores e Delícias em ser estagiária: o Estágio na Formação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, n. 2, p. 515- 528, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002992015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6cGHYvPWpPvfdKCWmGNpVSm/abstract/?lang=pt>. Acesso em 4 fev. 2023.

SILVA, E. L.; SILVA, F. (2021). Construindo práticas durante a pandemia: coordenar, aprender e ensinar. *Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ*, Seropédica, v. 5, p. 101-110. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/bipsi/article/view/1101>. Acesso em: 4 fev. 2023.

VICENTE, T. A. F. *Psicose e Caps: Entre a metapsicologia, a clínica e a política*. 2018. Tese (Dissertação de Mestrado)-Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG, 2018.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

RIOS, Monize Villega; MAZINI, Gabrielly dos Santos; ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues. Suporte psicossocial oferecido por oficinas online em um Centro de Atenção Psicossocial durante a COVID-19. **Id on Line Rev. Psic.** Fevereiro/2024, vol.18, n.70, p.44-57, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 10/01/2024; Aceito 25/01/2024; Publicado em: 29/02/2024.